

ECHUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - São Roque - SP

Nº 89 - Ano XV - Janeiro/Fevereiro - 2007

O informativo a serviço da alma ibatena



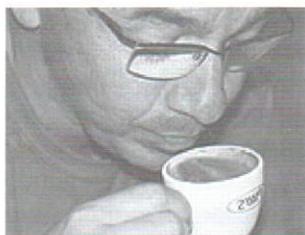
Ligue-se nesta: Nosso Encontro será em 25 de agosto!

Você, ex-aluno do Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, em São Roque, tem um compromisso inadiável no dia **25 de Agosto** próximo lá no já vetusto casarão de nosso Seminário: um encontro de saudade e de conagração com todos os que, em algum tempo, entre 1949 e 1973, freqüentaram - como alunos, professores, auxiliares, freiras, orientadores - o austero e majestoso edifício plantado pelo saudoso Cardeal Motta nas verdes colinas do Ibaté, sob o olhar altaneiro da sentinela do Saboó. Vários outros amigos e, em especial, o ex-aluno do Seminário de Pirapora, que, desde quando cessaram seus encontros, semelhantes aos nossos, também têm esse mesmo compromisso, pois também fazem parte da nossa *Turma do Ibaté*.

Sua participação (bem como a de seus familiares) é fundamental para que este **VIII Encontro** se transforme em poesia, em um evento realmente significativo, capaz de nos trazer de volta pessoas e lugares que, de forma indelével, marcaram nossa vida. Distantes três, quatro e até mais de cinco décadas daqueles anos de nossa meninice, poderemos, nesse sábado (que esperamos, ensolarado), aprofundar nossa amizade e ainda captar as vozes dos nossos Mestres nas aulas de Latim, Grego, Matemática, História, Cosmografia ou, talvez, ouvir o eco de nossos cânticos juvenis ainda vibrando pelas quebradas do Ibaté...



Cafezinho



A Campanha de Arrecadação de Fundos para o *Echus* terminou no dia de São Silvestre. Além dos depósitos não identificados, os nomes dos doadores figuraram na seção de *Agradecimentos* desta e de outras edições anteriores. Ao todo, enviaram-se 890 correspondências aos caríssimos leitores. Foram 71 (7,98%) aqueles que, atendendo ao apelo, doaram algum valor, num total de **R\$ 4.628,37**, deduzidas as despesas de R\$ 1.236,73 com material e correio. Queremos expressar nossa profunda gratidão a todos que aquiesceram a nossas súplicas. Outras associações de ex-alunos, similares à nossa, costumam enviar boletos a seus membros, para pagamento mensal em banco. Tal procedimento assegura-lhes sustentação para seus vários empreendimentos. Mas, nossa filosofia é diversa: vivemos na corda bamba e não temos garantia alguma, pois: *dê cada um conforme suas possibilidades!* Infundimos, sim, conscientização, participação voluntária e inventamos campanhas e arrecadações; às vezes, rifas. Assim, fazemos frente contra as despesas que, aliás, são basicamente duas: o *Echus do Ibaté*, informativo que, *doando ou não doando, todos o recebem em casa, e que parece ser pensado por muitos como a única despesa que temos*. É um informativo que por um bom tempo foi mensal, nos tempos do sempre querido Antônio J. Almeida - ele dava sorte ao jornal! -, mas agora é bimestral, tendente a ser cada vez mais magro. Temos vários artigos; todos devem participar com seus textos, preferencialmente da própria lavra, porém, nosso espaço acaba sendo muito pequeno. Poderia ser melhor... Crescer é natural, mas isto está praticamente proibido. É bom que se saiba que há outro importante destino para qualquer valor doado: os **encontros bi-anuais em S. Roque**, acontecimento máximo de nossa organização. Pouca gente sabe disso. A matemática social nos apregoa que, se o preço individual para se participar da festa for alto, pouquíssimos ex-alunos estarão presentes. O ideal é que seja gratuito, sem os perversos impedimentos de ordem financeira. Por esta razão, procuramos sempre achatá-lo ao máximo. As doações feitas ao longo do ano têm essa finalidade, também: poupança para o Encontro. Por isso, não deve se iludir aquele que verificar o saldo em nosso Fluxo Financeiro: *"Ah! um informativo custa R\$ 2.000,00; o saldo é de R\$ 8.000,00. Então não vou doar nada, pois existe fundo, pra quê contribuir?!?!? Vou ficar aqui bem quietinho no meu canto, que é o melhor!"*. Infelizmente não é bem assim e estamos sempre nadando contra a corrente. Nosso encontro para 25 de agosto próximo tem um orçamento previsto na casa dos **R\$ 35.000,00**. Durma-se com um barulho desses! Todavia, com ou sem oráculos, temos certeza que, mais uma vez, ele será um grande sucesso. Graças a você, caro leitor da *Turma do Ibaté*.

CONSTANTINO, FIGURA CONTROVERSA(*)

CLÁUDIO JOSÉ FONDELLO - 59/65(*)

Fui intimado - com garbo e graça pelo Careca (pára com isso!) - a escrever sobre Constantino Amstalden, há dez anos falecido, Reitor do Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, em São Roque, durante os anos em que lá vivi (1959-1965).

Este texto começa com a percepção de um menino de 11 anos, filho de um alfaiate e de uma professora de piano extremamente religiosa, encantado eu com a perspectiva de, num futuro qualquer, repetir a performance respeitabilíssima do então vigário de São Roque, o inesquecível Pe. **Luciano Túlio Grilli**, cujas mãos me conduziram ao Ibaté. Entre parênteses, devo confessar que minha vibração (vocação?) em ir para o Seminário estava baseada na percepção daquele menino: o padre "mandava" (até na política local), tinha um *jeep* (eu era fascinado por veículos automotores), folgava às segundas-feiras (ia pescar; não havia missa), almoçava em restaurante (ah! o enorme filé à milanesa do Guarany), tinha trânsito fácil com os poderosos de então ("Seu" Antonio, sítio com churrasco para todos).

Tudo isso só para dar cor e contexto à visão daquele menino, um dos 114 que aportamos no Seminário em 1959, distribuídos entre primeira série A, B, C e D da Divisão de São Domingos (foi o ano em que os egressos - abençoados - de Aparecida foram acolhidos).



ACERVO: FRANCISCO FIERRO

CONSTANTINO AMSTALDEN EM ENGELBERG, CANTÃO DE OBWALDEN - SUÍÇA

Não é, pois, de duvidar, que o porte do Senhor Reitor ao receber-nos, batina e sapatos impecáveis, tenha inculcado naqueles meninos uma figura de respeito, misto de poder, pai e professor. Sequer havíamos atingido a puberdade. O fato é que a imagem gravada, por primeiro, no coração daqueles meninos (severo, disciplinador, raramente efusivo, helvético-brasileiro) encheu-nos os olhos de admiração e, até, de submissão, perfeitamente aceitáveis. Percepção outra, talvez, velejava pela mente dos adolescentes de São Luís, e, certamente outra, ainda, trilhava a mente dos "marmanjos" de São José: tinham estes, afinal, muito mais estrada, e neles espelhávamos nosso futuro... (Paulo Acácio, José Moreira, Rolando Zani, Antônio Martini, Zé Isaías, Antônio Aparecido, Getulino Maciel, Fanchini, Getúlio Vieira, *et ita porro*). Cada um de nós que fomos acolhidos naquela casa trazíamos no peito uma história própria, peculiar, diferente (muitos eram advindos de outros seminários). A experiência de vida, portanto, era por demais diversa, e daí sua maior riqueza na contribuição para o crescimento individual e coletivo.

A meu ver, impunha-se à época uma "mão de ferro" para moldar o caráter daqueles meninos e garantir a instituição do seminário (voltei a viver essa mesma experiência na empresa onde trabalho: expansionista, era fundamental o "controle" para garantir sua sobrevivência e crescimento: hoje, claro, está num patamar outro e avançadíssimo de gerenciamento). Tivesse, imagino, o

nosso seminário optado, a tempo e hora, pelo "aggiornamento" de sua gerência, essa instituição talvez estivesse ainda viva e pulsante, preparando obreiros para a vinha do Senhor.

Um sem número de fatos e fotos lotam minha memória:

- Acordar às 5:00h para a ginástica comandada pelo Padre Bosco,
- Tomar banho frio no chuveiro de cano,
- Os campeonatos de futebol (eu tinha uma camisa que achava legal; depois descobri que era do Fluminense!),
- A chuteira cheia de jornal para que os cravos machucassem menos os pés,
- O *Galo de Ouro* (história de vitórias e reveses - Sorocaba, Campinas, Salesianos...),
- A copa de 62 naquele chiado do rádio que ia e vinha,
- Os campeonatos disputadíssimos de ping-pong (Valter e Vitor: que briga idiota!),
- O lanche de pão com banana, ou torta de pão de ontem, ou pão com banana, ou torta de pão de ontem...
- Os esportes: espiribol, volley, basquete, futebol,
- As Olimpíadas, com a corrida de Santa Tereza,
- As procissões de madrugada implorando por chuva a todos os santos (haja ladainha...),
- O Grêmio Literário... ("Bontzi, o Silencioso" do Rolando Zani = ímpar!),
- A disputa pelas melhores notas e medalhas (D'Elboux, Valdevino...),
- Toninho (Antonio Carlos Marques, Zaqueu) dando o tom para o *Gloria* a ser entoado (sic!) pelo padre Tarcísio (aquele do "Padre Tarquarto está no seu císio"),
- As aulas de francês com François-Marie Lefebvre e seu sapato treliçado,
- O "dou o pão o pai" do Pe. Luiz Ilc (aquele do "num pê só"!),
- Os cigarros fumados no escritório de Pe. Ruy Amaral Mello (aquele das recomendações pré-férias sobre os buracos (a evitar),
- As visitas dos familiares (pais, irmãos, primos, tios, avós) no terceiro domingo do mês, trazendo-nos guloseimas difíceis de "esconder",
- A festa para os pais em agosto (encenações fantásticas - O Filho do Palhaço -, resultado de muito ensaio: "o conde passa e não fala nada!", certo Martini?),

• O martirologio romano e aventuras de Karl May durante o almoço e o jantar - silêncio durante as refeições -, na voz de Tomás Toledo, Rolando Zani e José Moreira, que inventavam santos como um tal de São Cunegundes, São Gallo... (preciosa a história de São Lourenço: "pode virar, que deste lado já está assado!")

• Os pedaços de bolo surrupiados do refeitório dos pais no prédio novo,

• A busca incessante, armados de vassouras, pelas botas perdidas do "seu" Joaquim (quando colhíamos as frutas do pomar que nos "chamavam"),

• Nenhuma palavra menos gentil por parte de qualquer daquelas freiras (Irmãzinhas de Jesus Crucificado) que cuidavam de nossa roupa (meu nº era 49) e de nossa comida (às vezes, gororoba, mas nossos estômagos se fortaleceram... não levem em conta as histórias sobre como eram "fabricadas" as almôndegas),

• Os enfermeiros (Beta, predestinado como **betacaroteno**, e José Isaiás: doutor fontol e doutor pepsamar) que nos acudiam e aplicavam-nos "placebos" (6 gotas da "água milagrosa") quando exagerávamos na "dor".

• O dentista "açougueiro" de São Roque que só sabia extrair dentes, com boticão, (até hoje perpetuam-se as seqüelas desse ato criminoso!),

• Os filmes na cidade ("Sissy" - a trilogia, "Marcelino Pão e Vinho"...).

• "Balas Encravadas" no nosso teatro, Luís - motorista - no elenco, e o som dos tiros dois minutos depois que o bandido havia caído atingido...

• A participação na soleníssima festa de São Roque, com direito a missa e procissão, num mar deromeiros que inundava a praça matriz.

• A nossa banda - a **Furiosa** -, com Pe. Vieira (aquele corintiano - aula de literatura portuguesa - que jogava giz e apagador em quem não soubesse o significado da "**tinha**, que comichona" de Felinto Elísio) e, depois, com Pe. Laerte: Claudino e Barras na requinta; Tiago, Rolando e Isaiás na clarinete; Nadir, Martini e Zaqueu no sax harmonia (pá-pá-pá-pá, pá-pá - e haja ensaio para sair legal!); Isabe - Milton Isabel - no baixo (aquele beirão abraçando o bocal daquela enorme tuba); Zelão (José de Oliveira Batista) no trombone; Cido (Antônio Aparecido) no bumbo e depois no pistão comigo; Wilson Cruz no prato e tantos outros. Ensaivamos durante o recreio da noite, com paixão. Grandes apresentações, inclusive no Cine São José em São Roque ("La Dame du Coeur" e dobrados a varrer).

• Muito legal a sensação (nobre e sacana!) de acordar a todos com o toque de alvorada no pistão, sob aquele sino emblemático.

• Participação nas cerimônias da Semana Santa em Araçariguama (o risco era chegar lá no "carro importado" dirigido pelo Padre Jair: a folga da direção impunha dar início ao processo de curva nos exatos 227 metros antes de cada-uma - e não eram poucas!)

• As duas expedições ao enclítico Saboó! Ambas as escaladas foram feitas ao som de cânticos, "Jerusalém", e incentivadas por muitos e turbinados ("enhanced") ovos cozidos ingeridos ao sopé: impulsionaram nossa subida. Rolamos pedras ribanceira abaixo ao som de preces, deixamos lá nossa marca: o cruzeiro!

• As pescarias do Colegial: sentados nos bancos de madeira improvisados na carroceria dos caminhões, sacolejando até à borda da represa de Ibiúna: primeiro contato com o cigarro (Mistura Fina) fornecido pela figura ímpar do Monsenhor Kulay (só o cigarro, a piteira, não!).

• Imperdoável, o então Pe. Fernando Penteado (aquele da Rural Willys novíssima roxa - era **quaresma** - minha pri-

meira experiência de dirigir, graças à disposição para lavá-la semana sim, semana não), adentrando no dormitório dos maiores, para pôr ordem àquelas catapultas que tentavam, com travesseiros à guisa de balas de canhão, atingir um morcego que invadira nossa intimidade: "Meninos, voltem para suas camas, deixem a "**borboleta**" em paz!"

• "Congê": estava esquecendo a figura de Dom Carlos Carmelo Motta! (Essa foi fundo, hein!)

Bem, acho que usei um bocado dos **gigas** disponíveis em minha memória e, não tenho dúvidas, estimei a muitos dos que possam estar lendo este texto a lembranças ainda outras e mais significativas que cada um traz dentro de si, riquíssimas, pois, fazem emergir recordações de um tempo único: nós vivemos isso!

Vou permitir-me uma última história: quando no colegial, gozávamos do privilégio de uma hora adicional de estudo após termos feito a oração da noite e todos os demais terem-se recolhido. Nesse estudo (das 21:30 às 22:30h, ou perto disso), fazíamos uso do laboratório de física para "degustarmos" as frutas que havíamos surrupiado durante o dia enquanto "procurávamos as botas do Seu Joaquim". Íamos de dois em dois: descíamos as escadas rumo ao palco e laboratório, entrávamos no laboratório e fraternalmente repartíamos o espólio (as duplas tinham o cuidado de não consumir mais do que o que lhes cabia). Naquela noite, Nadir e eu fomos a quarta ou quinta dupla a descer (era tudo muito bem organizado...) Depois de degustarmos um mamão inteiro (estava supimpa!), apagamos as luzes



ACERVO: FRANCISCO FIERRO

do laboratório de física e química e começamos a subir as escadas de volta à sala de estudos. Quem estava no topo da escada? Ninguém mais do que o Senhor Reitor, Mons. Constantino Amstalden. - O que vocês estavam fazendo? perguntou, naquele tom helvético. - Estávamos comendo mamão, respondi eu de pronto e naturalmente. Até dou-me conta (muita estrada passada) de que essa "resposta" poderia ter sido interpretada de muitas maneiras menos edificantes. Naquele momento, contudo, absolutamente delicado para Nadir e eu, Mons. Constantino soube perceber a veracidade e "até ingenuidade" do que afirmávamos e, simplesmente, limitou-se a recomendar que devíamos aplicar a hora adicional de estudo a de fato estudar. Jamais Nadir ou eu ouvimos, no dia seguinte ou dali para frente, qualquer palavra ou comentário dele sobre esse fato e sequer percebemos qualquer mudança na sua maneira de relacionar-se conosco.

Depois de toda esta prosopopéia (observem que Constantino esteve sempre no pano de fundo de todos esses eventos), devo concluir que, malgrado todos os editos ditatoriais, os gestos mais contundentes, as atitudes mais "superiores", a predileção por este ou aquele, a decisão errada na hora errada (machucando, de fato, mais a uns do que a outros), tudo isso faz parte do ser humano, e, a cada dia, praticamos justiça ou injustiças e mal ou bem-querências. É o que constrói nossa visão de mundo! A despeito da nossa vontade de acertar, erramos e erramos e erramos e, com isso, aprendemos e crescemos. Jamais agradaremos gregos e troianos! Uma coisa é como me vejo e como enfrento a realidade.

Outra coisa, bem diferente, é como cada pessoa, proprietária de uma específica microcosmologia; me vê. Nesse jogo, o que mais vale, é quantas pessoas tiraram proveito da maneira como sou, de como me comporto, do como com elas me relaciono. Via de regra, não nos damos conta do quanto nossa atitude afeta, molda, modifica, destrói, constrói, ajuda, prejudica, incentiva, motiva e desmotiva as pessoas que estão à nossa volta. E não importa a posição social que ocupemos: a visibilidade não aumenta ou diminui a responsabilidade por nossas atitudes em relação aos outros.

Se isto é verdade “**pra nós**” (como costumava expressar-se nosso Reitor), não há porque não rendermos uma homenagem à memória de Dom Constantino Amstalden, neste catorze de fevereiro, décimo aniversário de sua morte. Ele teve uma forte influência em nosso modo de pensar, nosso

modo de agir. Cabe a nós refletirmos sobre qual a dose correta a aplicar desse aprendizado nas nossas atitudes, gestos, comportamento e relacionamento com a sociedade.

Amstalden, marcaste época! Não há quem de ti não se recorde. Quer te amemos ou não, és um ícone indelevelmente gravado em nossos corações. Há os que te adotamos como exemplo a seguir; há os que nos sentimos obrigados a repensar nossos credos e paradigmas a partir de teu comportamento, tuas atitudes, tuas decisões.

Obrigado por teres feito parte de nossas vidas! Crescemos um bocado, levados por tuas mãos! “**Gratias agamus tibi!**”!

(*) CLÁUDIO JOSÉ FONDELLO (Compasso), 58, é administrador de empresas, violonista, pistonista e tecladista. Mora em Campinas-SP (19) 3256.9511 claudio.fondello@gerdau.com.br

CONSTANTINO

ANTÔNIO CARLOS MARQUES - 60/65 (*)

Andar? Militar. Postura? Ereta. Olhar? Incisivo. Palavras? Autoritárias. Mãos? A esquerda no bolso, a direita livre, pronta a segurar algum cigarro entre os dedos amarelados pelo alcatrão. Boca? Costume de premer os lábios, no ato de apertar a língua no céu da boca para engolir a saliva de fumante, sem tossir. Hobby? Torcer para a Ponte Preta, de Campinas. Humor? Sempre preso ao comportamento dos comandados. Reações? Hum... aqui reinava o perigo.

Esta figura não precisa de assinatura, todos conheceram, amaram, detestaram, xingaram, elogiaram. Enfim o padre Constantino, que o sino do recreio nos reuniu para festejar sua promoção a monsenhor, participou ativamente de nossas lembranças de tempos inesquecíveis. Mais importante ainda a dizer, esta figura conduziu muitos de nós da adolescência à juventude.

Confesso que, embora sentisse medo dele, também não me intimidava quando me decidia a agir. Agia seguindo as regras de menino, moleque. Porque moleque só sente medo depois das traquinagens, nunca antes. Porque moleque não mede o certo e o errado. E alguém, por acaso, tinha noção do que era certo ou errado? Sim, ele sabia. Não só isso, ele parece que tudo via. A gente se denunciava pelo olhar sem jeito, pela postura desenxabida. Lá vinham, então, seus famosos sermões para recolocar o bando nos eixos. Era o momento de ouvir desde frases suaves, mas determinantes, até “desgraçados”, palavra proferida em escala crescente pelo seu tom inflamado de inconformismo e indignação.

Mas eu o admirava. Com meu jeito sem jeito, vejamos só, cheguei até a lhe dizer algumas verdades que me incomodavam. Ah!, como foi difícil criar essa coragem. E fiquei orgulhoso de o enfrentar. Lembrei-me de Davi e

Golias, até porque já carregava o apelido de Zaqueu. À porta de sua sala, naquele corredor meio escuro, eu suave e maquinava como dizer o que sentia. E foi bom. Alívio. E surpresa. Descobri aí um grande ser humano. Senti doravante que eu tinha conquistado mais valor perante ele, e, agora sim, fazia mais sentido eu estar ali. Nosso convívio, o meu, ficou mais leve, mais despreocupado.

E, então, um fato marcante aconteceu. Em meio ao recreio após o jantar, eu, perto da gruta, correndo, suado, percebo a figura do reitor atravessando o pátio, aparentando recém-saído de sua sala e caminhando em minha direção. Alguns colegas foram se apartando de mim e, claro, imaginei ter de novamente enfrentá-lo. Santa Piruleta, que será que houve? Não fosse, outrora, minha ousada e bem-sucedida atitude, agora estaria com vontade de me refugiar no “cafoto”.

A platéia já distante, só restava eu na linha reta da sua marcha. Parou na minha frente, percebeu minha apreensão e disse: “Marques (jamais Zaqueu), você gosta de música, não gosta?”. “Gosto, sim”, respondi vacilante. “Então quero te revelar um segredo. O Tomás vai sair do seminário. Portanto, no ano que vem, não teremos ninguém que saiba tocar órgão. E isto você não fala pra ninguém. Você gostaria de aprender?”, seu olhar esperava uma resposta afirmativa. “É claro que gostaria”, completei mais determinado e já orgulhoso pelo convite. “Vou pedir para o Toledo te ensinar tudo nesses dois meses que antecedem as férias, está bem?”

Não medi as conseqüências da minha decisão, mas naquele momento comecei a me sentir um Toledo e, mais uma vez, importante pela consideração recebida. E conheci mais um pouco essa figura que, em escala crescente, se tornou padre, monsenhor... Dom Constantino.

(*) ANTÔNIO CARLOS MARQUES (Zaqueu), 58, é jornalista em São Paulo-SP (11) 3865-2694 acmarques@melhoramentos.com.br

Ano XV - nº 89 - Jan/Fev 2007



ACERVO: FRANCISCO FIERRO



CALIPSUS COCOTAQUE

GETULINO DO ESPÍRITO SANTO MACIEL - 57/60 (*)

Si vivi fuissent Cicero et alli, succumbiti essent in hora, repentine, ante istam historiam tantum male contatam quantum pessime scriptam!

Date mihi veniam Barbieris, Expediti et tanti eruditi in latinis litteris.

O tempora, revertere, revertere et apagate (aequalis: "delete") definitive et per omnia saecula saeculorum (amen) tantam bestialitatem insanitatemque.

O genii, saite (aequalis: "exire") de profundis et lavate (aequalis: "abluere") hunc spiritum et libertate eum de tanta ignorantia! Salvate eum ante qui darte sit!

Quomodo quieti permanent (aequalis: "manere") vamus (ex: vo, vas, vait, vamus, vaitis, vant) ad quod in momento interest. Sanguis meus fervit tanta fame sucosa macarronata! (memento: "Piscis tartarugaque")

Bene, quomodo historiae alterae, ista sic começat (aequalis: "incipere").

Erat uma vix uma paupera galinilla, vel/sive "franga", quae sibi chamabat (aequalis: "nominare") Cocota. Abusque pueritia sua familiariter abunde chamata "Cocó".

Viviat trancafiata in domo sua. Vita sua erat dormire, accordare, comedere et... speculare fenestra quod foris aconteciat (aequalis: "accidere"). Non saiat ad natam. Mater sua non deixabat. Erat uma furia descabelata! Erat illa vita calejata (aequalis: "callosa"): quanti galli... difficile contare quanti...

Et pater? Qualis seriat pater? Non sciat (aequalis: "scire") qualis erat, tanti erant galli qui chegabant (aequalis: "advenire") et in tabulato dormiant: vetusti, decrepiti, juvenes, manci, caeci... (solum per farum!).

Unus dies, adspecta fenestra, viut (aequalis: "videre") unum formosum, elegantissimum charmosumque pullum - vel "frango" - et per eum appaixonabit. Calipsus era nomen suum.

Ardit in amore! Amor prima vista!

Mater sua, in otii momemto (rari erant...) dixit: quae verecundia, filia mea. Facit ideam: uma filia mea sine pudore! Exempla bona semper dedi tibi, et nata...

Quod exemplum? Respondit Cocota. Botas omnibus diebus. Quodque ovum de uma colore et forma.

Et mostrat (aequalis "ostendere") ova: hoc ex gallo collo depilato, istud ex manco, illud ex decrepito, aliud ex caeco etc etc etc quanti galli, per Altissimum! Contra naturam!

Et mater quieta.

Cocota, appaixonata, comaçabat pensare: tanta ova ex quantis gallis... etiam ego botare potebat (ex "potere").

Sed ova uma sola pigmentatione et forma.

Unus dies, mater sua post incubationem sait cum decem pullis et non magis retornat. Acompanhavit multum ricum (aequalis: "dives") vetustumque gallum qui sib proponebat totam familiam sustentare. Non scio per quantum tempus enim vetustus gallus prodigus erat et divitiae suae iriant ad brejum (aequalis: "palus") celeriter...

Et mater cum decem pullis...

Calipsus rursus apparecit... formosus, charmosus sed sine umo denario.

Perguntat Cocotae: desideras etiam botare quomodo mater sua? Cocota corata (aequalis: "colorata") ficat. Et começat cacarejare (aequalis: "glocire") (Bonum signum, pensat Calipsus) et rodopiare (aequalis: "volvere") erigereque plumas suas, tanta felicitate!

In die seqüente, ovum primogenitum. Et deinde erant ova et magis ova omnino aequalia. Chocavit (aequalis: "incubare") cum Calipso in propinquo semper vigilando, non abandonabat Cocotam per natam.

Et viverunt per multos et multos annos, in beatitudine plena. Cocota semper lembrabat (aequalis: "reminisci") matri sua. Quod ejus seriat?

Unus dies, in itinere vel via, viut unam decrepitam gallinam... coitata, male ambulabat... erat mater sua cara. Et reccipit eam et tratabat de illa cum carino (aequalis: "blande") usque ad mortem suam...

Non scio qualis moralis est historiae, si possibile est. Lector conclusionem suam turet (aequalis: "deducere"). Magis nata, amen.

(*) GETULINO DO ESPÍRITO SANTO MACIEL, 66, é professor universitário, escritor e advogado em Lorena-SP (12) 3152.3276 louget@uol.com.br

ECHUS DESAFIA: Ganhará um ovo de Páscoa o leitor que nos enviar a mais original moral da história, que também deverá ser redigida no mais legítimo **Latim Macarrônico**. Enviem-nos suas participações, inclusive novos textos.

VIII ENCONTRO - Você está convidado a participar da primeira reunião preparatória de nosso encontro. Venha apresentar suas idéias, discutir propostas e dividir as tarefas. Sua presença e interesse são essenciais para que nossa festa continue sendo o grande sucesso de sempre. Será em 10 de fevereiro de 2007, 9:30h. Mitra Arquidiocesana: Avenida Higienópolis, 890 - S. Paulo-SP - Com estacionamento próprio.

D. CARLOS CARMELO DE VASCONCELOS MOTTA(*)

OLIVEIRA LEITE GONÇALVES - 49/54 (**)

Terceiro Arcebispo de São Paulo. Sobre ele já teci algumas considerações biográficas (***) e acrescento algumas outras.

Era um verdadeiro *gentleman*, de atitudes nobres e respeitadas para com todos, aliadas estas com uma simplicidade quase franciscana. Tive a felicidade e a honra de conviver a seu lado, por seis meses, quando de seu "degredo" para Aparecida do Norte, às pressas criada como arcebispado a fim de receber o nobre exilado das funções episcopais em São Paulo.

Homem de extraordinária inteligência, tinha o dom de ser absolutamente claro e preciso ao conceituar os diversos temas de que tratava o que debatia com os amigos. Não tenho dúvida de que poderia figurar entre as melhores e mais altas inteligências do país à época como Alceu Amoroso Lima, Miguel Reale, Darci Ribeiro e outros tantos luminares do Brasil.

Dotado com o dom da oratória, expressava-se com clareza, energia e eloquência de improviso tanto em Português quanto em Francês.

Ele mesmo narrava que por diversas vezes fora agredido pela imprensa pelo famoso jornalista. O Cardeal jamais respondeu a qualquer uma das agressões. Certo dia, na catedral de São Paulo, ocorreria o casamento de um dos descendentes de D. Pedro II, o possível herdeiro do trono no Brasil. Antes da cerimônia, na sacristia ali se achavam o Cardeal, os auxiliares, os padrinhos e entre eles o jornalista. Este, com o maior cinismo, se aproxima do Cardeal, a quem tantas vezes agrediu em seus artigos, e, sorrindo, com a mão direita entre seu rosto e o ouvido do Cardeal lhe sussurra algumas pala-



vas durante quase meio minuto, como se se tratasse de um amigo íntimo. O Cardeal não fez qualquer sinal de desgosto ou repúdio. Apenas um leve sorriso e um sinal de cabeça.

Consta que ele fora uma vocação adulta tendo anteriormente estudado Agronomia. Aliás, era um amante da natureza. Tinha predileção por plantas raras. Uma vez, em Campos do Jordão, em recinto pertencente à Arquidiocese de São Paulo, fez questão de mostrar a seus amigos uma muda de cedro do Líbano que ele havia plantado dez anos atrás. A muda já com aquele tempo de vida tinha o desenho típico do cedro do Líbano e altura de pouco mais de 1 metro.

Doutra feita, achava-se na Casa Branca (EUA) a convite do Presidente Kennedy, e um dos recepcionistas mostrava no jardim uma palmeira sobre a qual dizia ser o único exemplar existente no mundo. Explicava que quando caíam-lhe as castanhas, elas eram queimadas para que jamais fosse plantada em qualquer outro lugar. O Cardeal olhou para o chão viu uma castanha e diante do seu interlocutor abaixou-se, apanhou a castanha e a colocou no bolso sem dizer qualquer palavra. Em São Paulo fê-la plantar no jardim de sua casa e a mesma vingou. E ele comentava "a palmeira só existe na Casa Branca e no jardim do meu palácio".

Em São Roque no terreno do seminário, fez plantar algumas mudas de oliveira, na frente do prédio; aquelas palmeiras reais que, acredito, lá permanecem até hoje.

(*) O presente texto é publicado nesta edição como homenagem a sua memória nestes 25 anos de seu falecimento (18.09.1982).

(**) OLIVEIRA LEITE GONÇALVES, 70, é Advogado e Tradutor Público Juramentado em Goiânia (62)3255.8892 hashimoto@persogo.com.br

(***) Veja Echus 078, de mar-abr/2005

ECHUS INFORMA: Em 08.01.07, recebemos mensagem do amigo ibateano, **Francisco de Assis Siqueira Camargo, 60/62, de S. Paulo-SP, na qual, decepcionado, relata-nos as vicissitudes das investigações que recentemente realizou em Aparecida-SP, onde abarrotou-se de informações desencontradas. Ao final, atribuindo tratar-se de um "descaso total", conta com a ajuda de nossos prezados leitores para desvendar o seguinte mistério: onde estão os restos mortais do Cardeal Motta? As informações podem ser fornecidas através do tel (11) 2185.2555 ou fcamargo@bluetree.com.br**

POR ONDE ANDARÁ ??? Pedro Steck Filho - Quando ele tinha 11 anos de idade, um padre de sua



cidade, Louveira-SP, muito amigo daquela família de viticultores de escassos recursos financeiros e com 8 filhos, convenceu a todos que o Pedrinho deveria ser padre. E lá foi ele para Aparecida do Norte, onde estudou por dois anos, e depois para São Roque, onde ficou até 1960. Mesmo adorando aquele lugar, o futebol, a piscina, a grande amizade que desenvolveu com colegas como Wilson Cândido Cruz, José Antônio Neto, ou a grande admiração que sentia por Mons. Constantino Amstalden e Padre Expedito, todos os valores que assimilou, as virtudes que desenvolveu, como autodisciplina e respeito pelas pessoas, ou ainda a bela perspectiva de estudos que descortinou, para ele, que como tantos vivera no aconchego e união com sua família, os quatro anos de levita foram quatro anos sem receber qualquer visita! E essa vocação não pôde resistir a tanto isolamento afetivo. Dez anos depois, após ter trabalhado na roça, em banco e servido o exército, foi arriscar a vida no Canadá. E deu certo. Trabalhou na agricultura; por muitos anos atuou em mineradoras, mas conseguiu

ajustar-se bem na área da construção. Por lá mesmo constituiu família: tem quatro filhos, muito bem criados, aliás. Hoje, este eterno rapaz, de sorriso fácil, que certa vez fraturou o septo nasal numa partidinha de espiribol, e que não troca seu bom humor por nada nesta vida, é um recém-aposentado. Alma boa, irradiando felicidade e realização pessoal, mais uma vez ele está no Brasil para visitar sua família, com quem sempre cultivou os laços. Tem planos de retorno para o início da primavera canadense e está participando vivamente de todos os empreendimentos ibateanos. (11) 4582.1807 - Res. 0015 1 70.5560.1476 preta@isys.ca.

MNEMÔNICOS TRIGONOMÉTRICOS

JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA- 50/56 (*)

Números. Ah! os números! A linguagem da matemática, sublime visão numérica do mundo, nunca foi para mim a do dia a dia. Afinal, me incluo no grupo da maioria, para quem fórmulas e símbolos são códigos indecifráveis.

No Seminário, com muito custo e depois de muito penar, o Expedição chegou pra mim e disse: "Cinco é seu máximo!" Se não fossem a bondade e a paciência de tão ilustre mestre, eu estaria ainda devendo essa matéria no meu histórico escolar.

Depois veio a Geometria, disciplina da mente que nasceu no Egito quando da necessidade de avaliar os prejuízos das cheias do Nilo e, posteriormente, na baixa das águas, esticando cordas com as quais faziam ângulos e retângulos, os agrimensores restabeleciam as fronteiras das propriedades invadidas pelo rio. Ângulos e retângulos: é disso que trata a Geometria, não é?

Mas a tortura não pára por aí. Agora é a vez da Álgebra me propondo incógnitas, o que me obrigava a mergulhar (e me afogar!) em fórmulas e mais fórmulas que os benditos egípcios tinha inventado. Ou foram os árabes?

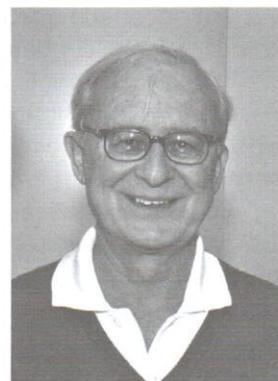
Da Álgebra passei para a Física e a Química. Outros dramas! Tive pelo menos o bom senso de não arriscar no laboratório do padre Kulay, alguma experiência explosiva. No entanto, explosivas mesmo eram as gargalhadas da minha turma, toda vez que o Kulay esperava minha resposta para concluir homericamente: "Exaaaatamente o contrário!!!!!"

Inesquecível padre Kulay. Sempre que dele me lembro, imediatamente associa-me na lembrança o Barduéga ensinando o "Luizinho" com quantos ossos se faz um esqueleto.

Da Física, minha memória seletiva guardou o seguinte: "A matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias". Alguém pode me dizer o que é isso? É por aí que se explica porque um carro bate no outro numa esquina? Ou é por isso que ainda nasce amor à primeira vista? Quem ficar "fulo" com a minha ignorância, volte um pouco para cima do texto e releia: "memória seletiva". Ou vá até o fim e descubra o meu castigo.

E, por último, chegou a vez da Trigonometria. Céus! O que é isso? Pelo menos já estava estudando grego e fiquei sabendo: medida de triângulos. Entretanto, mais uma vez me deparo com indecifralidades: funções, relações (opa! algumas eu conhecia...) e teoremas; seno, cosseno, cateto, hipotenusa, tangente, cotangente, secante, cossecante. Meu Deus! Nem apelando para os mnemônicos trigonométricos eu conseguia dar um passo nessa matéria. Mas, enfim, apareceu alguém pra me botar no lugar certo. Foi o padre Constantino, num acesso de raiva, que hoje me lembra Ionesco, que gritou para mim: "Eu vou matricular você na Escolinha Mista do Ribeirão!" Eu não sabia onde enfiar a cara, mas, para desespero do meu anjo da guarda, pensei: "É mista! Pelo menos lá terei a companhia das meninas!" Eis aí as minhas primeiras fugas. Da matemática e do Seminário.

(*) JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA (Quinzinho), 69, é professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa na PUC-SP - joka.oliveira@uol.com.br



ESCURECER

Zequinha - 51/56 (*)



Um quintal, cheio de verde, de paz.
Parecia um pedaço do paraíso.
O escurecer aconteceu!

O verde foi embora.
A lua brilhou!

A lua, como um barco, nos convidou a viajar.
Sinto que nossa vida do Ibaté,
quando nos encontramos, volta a brilhar.

(*) JOSÉ LUIZ BRANT DE CARVALHO, o Zequinha, o Tartaruga, o Taubaté, 69. Poeta, assessor político e educador que mora em S. Paulo-SP (11) 3288.5722 jbrantdecarvalho@bol.com.br

Pára-choque do Caminhão do Ibaté:



Mulher feia, homem barbado e filha de Maria
eu só levo na carroceria.

UMA CICATRIZ NA PATA DO RIN-TIN-TIN

EDUARDO LIMA 59/63 (*)

Foi encenada em São Paulo uma ópera de autor contemporâneo: "O homem que confundiu sua mulher com um chapéu", de Michael Nyman. Duas apresentações apenas. Embora um pouco reticente devido a equívocos que encontrei de outras vezes, em montagens semelhantes, resolvi ir. E foi um espetáculo deslumbrante.

O libreto é baseado em um caso clínico relatado por Oliver Sacks, célebre neurologista inglês. Eu já conhecia o texto original, assim como o libreto e a excepcional música de Nyman, que está entre as minhas preferidas. A produção brasileira é de nível internacional. Pode, com êxito, ser levada a qualquer lugar do mundo. Maestro, músicos, cantores (soberbos) e a cenografia criativa, bela e funcional, do nosso amigo do Ibaté, **José de Anchieta** (58/62). (*Echus* 081).



Eu não sabia da participação do Anchieta nesta montagem. Só tomei conhecimento depois de ler o programa. Ainda emocionado -o espetáculo é emocionante fui procurá-lo na saída para cumprimentá-lo. A última vez que nos vimos, tínhamos entre doze e treze anos. Algumas vidas nos separavam desde então. Ele, é claro, não me reconheceu. Como poderia? E eu, que tinha nítida na memória a sua

imagem de menino, tampouco a achei naquele senhor grisalho e gentil que me sorria com benevolência.

Mas não quero falar sobre o tempo e sua inclemência. Quero só aproveitar este encontro com um aluno de São Roque, que se dedicou com talento ao teatro, para falar um pouco do que me lembro dele: o nosso Teatro.

A minha estréia no teatro deu-se como cantor. Nas férias decorei o sucesso do momento, que tocava em todas as rádios e me propus como intérprete no primeiro show que houve. Eu não tinha o menor senso musical, de afinação, de canto, e até hoje lembro-me do esforço sobre-humano que o **Isaias** fazia para me alcançar, ao violão, quando disparei a cantar a plenos pulmões a inesquecível obra de Teixeira: "Coração de Luto". Mas foi um sucesso - e me abriu as portas, sabe-se lá como, à "Schola Cantorum".

O espaço do teatro era usado para as sessões do Círculo Literário Menino Jesus. Ali exercitávamos os nossos dotes de oratória. Havia uma banca examinadora formada pelo **padre Ruy** e alunos do colegial e me lembro de ter em uma ocasião a minha nota rebaixada pelo **Conrado**, porque em momento de desespero ao recitar uma poesia e sem atinar com a gesticulação correspondente, pus-me a coçar a cabeça.

Havia um concurso de textos: prosa e poesia. Dele participei certa vez escrevendo inicialmente um longo conto (não sabia como terminar) cujo enredo remontava aos tempos de Cristo. Sofri as agruras da criação literária tanto

quanto as da falta de informações. A cada passo surgiam dúvidas terríveis. O general romano, meu personagem, quebra um copo de vinho, tingindo de vermelho a toalha branca - trágico prenúncio da desgraça a se abater sobre o povo. Dúvidas: havia copos? de que tipo? podiam ser quebrados? havia vidro? ou os copos eram de outro material e daí como quebrá-los ou entornar o vinho?

Bem, dá para sentir o nível da dificuldade. E isso surgia a cada passo. Aí desisti e escrevi um conto sobre um gaúcho, na época atual, que, se não era tão interessante, pelo menos não apresentava tantos problemas.

Os textos das peças teatrais que encenávamos eram produzidos, se não me engano, pelos Salesianos. Eram textos longos, com enredos edificantes e com muitos personagens. Acreditavam no teatro como forma de propagação da fé e nos seus efeitos pedagógicos. Participei de algumas, atuando em papéis periféricos: o pajem; o filho do duque etc. Lembro-me do sucesso do **Vanderley Cozzo** como protagonista de "O Gato do Mato". Assim como ele, tínhamos bons atores entre nós.

O teatro também era um centro de divertimento com shows, esquetes e música. Algumas vezes transformava-se em salão de cinema (A espada do Zorro; Moby Dick; Balas Encravadas) alimentando o nosso imaginário ávido de aventuras.

Durante as férias do final de ano, alguns seminaristas, eu inclusive, voltavam para ajudar na recepção da nova turma que iria iniciar o ano letivo seguinte. Esses meninos ficavam uma semana no seminário, como teste preparatório e para conhecerem o ambiente antes de entrarem na rotina do período escolar normal. Entre as atividades para entretê-los, encenávamos alguns shows no teatro. Lembro-me de um quadro que entusiasmava os garotos: "Rin-tin-tin e o cabo Rusty". Nos papéis principais: **José Paulo Bruna** como o destemido Rin-tin-tin e eu como o cabo Rusty. Em uma das representações, os malfeitores queriam perpetrar alguma malvadeza, o cabo Rusty tentou impedir e foi aprisionado. Gritou pelo seu amigo Rin-tin-tin que investiu com ímpeto contra os meliantes destruindo metade do cenário e levando a platéia ao delírio. AIÔÔÔ Rin-tin.

Infelizmente um copo quebrado na algazarra feriu profundamente a pata do heróico cachorro e o Rin-tin-tin teve que baixar à enfermaria encerrando suas atividades naquela temporada.

Muitas vezes, ao recordar dos meus anos no seminário, lembro-me desse episódio. E penso no mistério do teatro - embora fosse o Rin-tin-tin a ferir a pata, é o Bruna que leva ao longo da vida, na própria carne, a cicatriz.

EDUARDO LIMA, Baiano, 60, é professor de Literatura Brasileira em São Paulo-SP - (11) 3722.1469 - eeduardolima@uol.com.br

Ano XV - nº 89 - Jan/Fev 2007

PASSEIO ECOLÓGICO

DOM LUIZ DE LA MANCHA (*)

Éramos um grupo de meninos com a idade entre 12 e 14 anos, todos alunos do Seminário de São Roque, em regime de internato, com a proposta educacional de transformar-nos em padres, formadores de opinião, formadores e condutores de futuro rebanho. Evidentemente, também teríamos que ter uma consciência ecológica, um conhecimento maior da natureza, e aquele passeio na mata próxima ao Seminário devia ter este propósito.

Subimos o morro por uma trilha no meio da mata. No caminho, ouvíamos ensinamentos sobre a natureza, sobre o tipo de vegetação predominante: "... estas árvores pertencem à família das...; estas trilhas foram feitas pelos animais silvestres tais e tais...; aquele ninho lá no alto é de gambá...; estas pegadas parecem ser de...". Avistamos algumas armadilhas feitas por caçadores, etc. Eu poderia dizer que além de passeio ecológico, recebemos informações até de sobrevivência na selva, não fosse o que vou relatar agora.

Chegamos a uma clareira com alguns troncos improvisados de bancos. O guia reuniu os alunos para uma preleção. Dizia ele que estávamos num local de descanso para caçadores e mateiros, claro, pois dali saíam várias outras trilhas. Enquanto ele falava, segui adiante por uma daquelas trilhas e me distanciei dos outros a ponto de não mais ouvi-los. Querendo voltar, andei, andei e andei. Fiquei confuso com o contraste entre luz e sombras, O sol se pôs. Em meio as árvores, tudo estava escuro. Não mais encontrei o caminho de volta. Desesperado, andei depressa, corri... cheguei ao mesmo lugar em que estava antes. Resolvi descer o morro, pois sabia que a estrada que conduzia ao Seminário ficava para baixo, mas de que lado? Em que direção?

Já era noite escura no meio da mata. E eu, no maior desespero, lembrei-me de quem? Pedi com muita fé a Deus que iluminasse o meu caminho.

Passados alguns instantes naquelas trevas, fascina-

do, entre calafrios e palpitações, avistei na estrada, lá embaixo, por entre as árvores, um veículo. Ele vinha com os faróis acesos, guiado pela mão do Pai, mostrando-me a direção a seguir. *Literalmente, Deus iluminou o meu caminho!*

Na direção apontada, o morro era íngreme e a vegetação mais aberta. E sua descida, rolei morro abaixo, mas agarrei-me a um coqueirinho, daqueles com enormes espinhos e com uma pontinha, tipo agulha, revestida de uma tinta preta. Ao retirar o espinho, sobrava ainda uma manchinha preta que precisava ser retirada, porque certamente causaria uma inflamação.

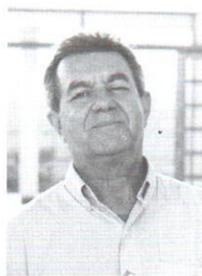
Ao chegar, todos já estavam no dormitório. Zonzo e ofegante, esgueirei-me pelos corredores, subi aquelas escadas recostado às paredes, discretamente, como num filme de suspense policial.

Até hoje não sei se, nesta história, eu era a vítima ou o bandido, Negligência do monitor? Mas também, eu era um garoto muito pilantra e danado. Mas a história é verdadeira, ainda que muitos detalhes tenham sido suprimidos para que não fosse tão longa. De toda maneira, além de ocultar de todos essa aventura, lutei contra aqueles terríveis espinhos em minhas mãos, que, para minha tristeza, me impediram de jogar ping pong, vôlei e espiribol por muito tempo, mas com muito mais fé em Deus, que nunca vai me abandonar e sempre vai iluminar o meu caminho, com tem feito desde o sempre, *per omnia saecula saeculorum. Amen.*

(*) DOM LUIZ DE LA MANCHA, heterônimo do escritor LUIZ ANTÔNIO ROSATI, o Pipoquinha do Ibaté (1959) 60. (11) 6854.4687 rosatiluiz@ibest.com.br



JANTAR DA PRIMEIRA SEXTA-FEIRA



Voltamos a convidar nossos amigos a participarem de nosso tradicional encontro mensal. Nas últimas vezes, tivemos o grato prazer da neófito presença dos colegas *Celso David Scuola (55/57)* e *Pedro Steck Filho (59/60)*, que de longe vieram para saborear algumas horas de recordação e entrosamento com vários amigos "daqueles tempos", densificando uma amizade antiga e duradoura. O Pedro já há tempos mora no Canadá, mas o sotaque que nos apresentou não era de uma pessoa que há tempos não falava o português, era caipirês mesmo, lá de "Louvêra". Também estiveram por aqui, revisitando este núcleo paulistano da *Turma do Ibaté*, os amigos *Ênio Tomazini (na foto)* e *José Paulo Bruna (59/63)* com as esposas. Este veio lá da distante Umuarama-PR, torrão onde também mora nosso saudoso *José Francisco Gonzáles (63/66)*, que já prometeu um dia estar entre nós. Ele deve ter ficado com as orelhas vermelhas e quentes, pois muito dele lembrou. E para alegrar ainda mais, não puderam faltar os companheiros sempre mais constantes como José Wolf, Gilberto Gomes, Celso Guidugli, José Luiz G. Ribeiro, Côn. Laerte Vieira da Cunha e o sempre espirituoso Antônio Orzari, além de expressiva presença feminina de esposas, companheiras, amigas e filhas. Apareça você também, traga seus amigos e familiares para desfrutar momentos tão agradáveis. A vida é curta. A vida é curtidão...

Restaurante Angélica Grill - Av. Angélica, 430 São Paulo-SP. Para quem vai de metrô, fica a 300 metros da Estação Marechal Deodoro. Estacionamento gratuito.



CONFRATERNIZAÇÃO DE NATAL



Na noite do último 15 de dezembro, todos os satélites que circundam nosso planeta registraram um intenso e refulgente brilho sob os céus de S. Paulo. A cintilante estrela revelou ser a paróquia Nossa Senhora do Carmo, na Aclimação. É que seu pároco e anfitrião, nosso colega Mons. **Sérgio Conrado** (58/63), com excepcional maestria, reunia uma grande constelação de pessoas para a celebração do Natal da *Turma do Ibaté*. Filmagens, gravações, muitas luzes e incontáveis corações transbordantes de alegria, amizade e fé. Santa Missa em latim. O esplêndido coral do Ibaté. Vozes sobrenaturais. Canto Gregoriano... Tudo convergia para o céu. **Attilio Brunacci** (49/55) se superou na organização litúrgica. A celebração foi presidida pelo sucessor do histórico Mons. João Pavésio, no Seminarinho, o Pe. **Ildefonso Graciano** (11) 3399.5293). Seus auxiliares foram o próprio Mons. Conrado, Pe. **Marcelo Jordan**, o vigário paroquial, e o célebre Mons. **Antônio Expedito Marcondes** que, de férias do Vaticano, regeu com galhardia nosso *Sub Tuum Praesidium*. O querido maestro, **José Isaías Dantas** (59/65), submeteu-se a uma verdadeira prova de atletismo, a fabulosa e heróica aventura de ir e voltar para a Puc, atravessando a cidade em apenas 45 minutos: lá estavam as distraídas partituras. Muita emoção e suor..., mas tudo acabou dando certo para nosso *Karabitchevisky*. Em seguida, a formidável ceia de Natal gentilmente oferecida por Mons. Conrado e seus paroquianos: um substancial churrasco acompanhado de incontáveis delícias, acepipes e bebidas. E não puderam faltar as encantadoras músicas dos Cantores do Ibaté e d'Os Trovadores, estes, especialmente contratados, em riquíssima apresentação. Confraternização, amizade e júbilo: Mons. Conrado e seus paroquianos, parabéns e muito obrigado!

com a Poesia é o que o amigo poeta ibateano, **LETTERIO SANTORO** (55/59), está comemorando com a recente publicação particular de seu livro, **POEMAS DO JUBILEU**, uma coletânea significativa de toda sua obra poética que procura transmitir o colorido painel de emoções do espetáculo de sua vida. A intenção é despertar o leitor para novas emoções e contribuir, assim, para a humanização de seus sentimentos. Se até então publicara várias coletâneas, a organização da presente obra cuida de extrair as treze poesias mais im-

BODAS DE OURO



portantes de cada uma delas, atribuindo ao treze o valor do sonho da perfeição (7) somado à sempre imperfeita realização (6). Desse modo, são apresentados poemas de sua adolescência, quando tudo começou, poemas de seu tempo de seminarista. Outros refletem os mais intensos momentos de sua vida, passando por trovas e haicais, sempre envolvendo delicados temas sobre pessoas, momentos significativos da existência e o amor em todos os seus sentidos, e que delineiam a trajetória do amadurecimento de seu gênio criador. (14) 3471.1934 letterios@hotmail.com

WELCOME TO BRAZIL - Ele não agüentou! Saudades. Foi, adaptou-se e gostou, *but* depois de *almost 40 years* nos Estados Unidos, o healthy friend **JOSÉ ANTÔNIO NETO** (59/64), 64, now está de volta. Aposentou-se por *there* mesmo. *The present time*, ocupa-se com o envio de seu *curriculum* to várias universidades. *He wants* trabalhar *part time*. *Teacher* de quase tudo: Português, Espanhol, Inglês, Francês, Literaturas e, claro, Latim. *Brasilia est omnis divisa in partes tres: praia, praia nbd praia!* *Was born* na paraibana Picuí, capital mundial da carne de sol, do *bean-of-corda*, do *cheese* coalho e da *butter* of garrafa, instalou seu *head office* em Natal-RN, de onde nos enviou a *announcement* de que planeja maior assiduidade *to share* a cachaça e as *happyness* do ibateano *way of life*. *Be welcome, Mr. Neto!* (84) 3661.2023 jneto50@hotmail.com

Amicus certus in re incerta cernitur



Dom José Maria Pinheiro, mas o que foi que te aconteceu?? Nosso querido amigo ibateano, Donzé, Bispo de Bragança Paulista-SP, (11-4032.7414 - d.jmp@hotmail.com), costuma fazer suas corridas ao redor do famoso lago bragantino. Um dia desses, sentiu-se cansado além da conta. Mas pensou que eram coisas próprias da idade, pois nunca é mesmo fácil ter 68 anos. No dia seguinte, aconteceu-lhe a mesma coisa. Épa!, pensou ele. E foi procurar um médico. Tirou nota muito baixa na prova de esteira e foi direto para um cateterismo. O interessante é que ele não estava sentindo quase nada, garante. Após uma vã tentativa de angioplastia, acabou por fazer uma safena e uma mamária, passando pelas mãos dos melhores médicos de S. Paulo, em 01 de dezembro último. Foi muito bem atendido e recebeu um tratamento de primeiro mundo junto a seus familiares, com



mesmo fácil ter 68 anos. No dia seguinte, aconteceu-lhe a mesma coisa. Épa!, pensou ele. E foi procurar um médico. Tirou nota muito baixa na prova de esteira e foi direto para um cateterismo. O interessante é que ele não estava sentindo quase nada, garante. Após uma vã tentativa de angioplastia, acabou por fazer uma safena e uma mamária, passando pelas mãos dos melhores médicos de S. Paulo, em 01 de dezembro último. Foi muito bem atendido e recebeu um tratamento de primeiro mundo junto a seus familiares, com

mesmo fácil ter 68 anos. No dia seguinte, aconteceu-lhe a mesma coisa. Épa!, pensou ele. E foi procurar um médico. Tirou nota muito baixa na prova de esteira e foi direto para um cateterismo. O interessante é que ele não estava sentindo quase nada, garante. Após uma vã tentativa de angioplastia, acabou por fazer uma safena e uma mamária, passando pelas mãos dos melhores médicos de S. Paulo, em 01 de dezembro último. Foi muito bem atendido e recebeu um tratamento de primeiro mundo junto a seus familiares, com

quem compartilhou deliciosos momentos de Natal e Ano Novo. Dias depois, agenda sempre cheia, já estava trabalhando, tendo inclusive ordenado um padre. Mais interessante ainda é que continua nada sentindo, exceto um incômodo em sua perna, devido à extração da veia safena. Não fosse por isso, não acreditaria que passou por essa experiência. E ainda ele brinca, naquele seu jeito característico de caboclo de Nazaré Paulista, dizendo-nos gargalhadamente que as recomendações médicas restringem-se a não subir escadas, não dirigir automóveis e não ter relações sexuais (sic). Mas depois de um mês, assevera, pode voltar ao normal. Seu fevereiro será no norte do país e envia a todos os ibateanos os mais calorosos votos de muitas felicidades nesse novo ano que engatinha. E aqui vão nossos votos, nossos apelos e nossas preces por sua total recuperação.



Para quem ainda não sabe, o amigo **JOSÉ RANULFO DA SILVA** (69/73) efetivamente é



o maior ou mesmo o único verdadeiramente atleta da *Turma do Ibaté*. Atuante e combativo advogado dedicado à causa social e aos direitos de crianças e adolescentes e professor de Filosofia e Psicologia na Rede Estadual, ainda encontra tempo e muita energia para intensa prática de esportes. Presidente da AADESP-Assoc. Atlética Desportiva do Est. de S. Paulo, dedica-se ao Pentatlo. Provas de 100, 400 ou 1.500m, dardo, disco, martelo, salto em altura e distância são moleza para quem já foi campeão por inúmeras vezes. Pois não é que desde 2003, num estiramento, lesou seu *adutor magno*? E ele veio protelando, protelando, com banhos de luz e infiltrações, até que não deu mais. Tornou-se uma *pubeíte*, com extenso comprometimento da articulação da sínfise púbica, a *main board* de nosso sistema de movimentos. Sim, aquilo mesmo que teve o famoso tenista Guga. O bisturi trabalhou no dia 11 de janeiro. Correu tudo bem, graças a Deus. Organismo de atleta é outra coisa! Em três dias ele já voltou para casa. Repouso absoluto por mais uns tempos. Para ele, nossos sinceros votos de plena recuperação e que sua vida volte logo ao normal, como se nada tivesse realmente acontecido. E também porque necessitamos muito de suas orientações em nossas jornadas esportivas. (11) 3493.0470 ou 6246.7128 jranulpho@hotmail.com

OMPHALOS - Soubemos que nosso amigo, **LOURENÇO MEDEIROS FERNANDES** - *Perereca* (49),



submeteu-se a uma cirurgia em 17 de janeiro. Para quem o acompanhou desde o ano passado, quando passou por difíceis momentos, a intervenção pela qual se submeteu agora (hérnia umbelical) foi muito simples e ele passa muito bem.

Envia todos seu caloroso abraço e aguarda a visita dos amigos. (11) 5589.7841

Ano XV - nº 89 - Jan/Fev 2007

VIRGEM MARIA

JOSÉ PAULO GOMES 53/57 (*)



Levanto bem cedinho
Com coragem e alegria
Rezo o vosso tercinho
Ó doce Virgem Maria.

Boa mãezinha, eu vos peço,
Guardai-me neste dia,
Ponde o meu nome impresso
No vosso coração, ó Maria

Sem vós, não posso viver
Neste mundo de pecado.
E quando eu morrer
Quero ter-vos ao meu lado.

Nesta vida que estamos,
tentados sem cessar,
Não deixeis que esqueçamos
De vosso terno olhar.

Vós sois minha esperança,
Refúgio e consolação.
Quero ter-vos como herança
Junto ao meu coração.

(*) JOSÉ PAULO GOMES, 67,- Esta poesia, ele a fez em 01.05.1955. Hoje é um técnico aposentado da antiga Telesp, que mora em S.Caetano do Sul-SP (11) 4229.2291 - marisgomes@ig.com.br

Paróquia das Trovas



**Na alquimia desta vida,
Temos o elixir do amor:
Faz sarar qualquer ferida,
Mas não cura a própria dor!**

ANTÔNIO CARLOS CORREA - 64/67

ENVIE-NOS VOCÊ TAMBÉM A SUA TROVA

Fluxo Financeiro - Posição até 31/12/2006

POSIÇÃO EM 07.11.20068.120,81

ENTRADAS

Contribuições e doações1.993,78

Juros.....92,56

TOTAL ENTRADAS.....2.086,34

SAÍDAS

Postagem Echus 088 + Cartas1.018,05

Impressão Echus 088733,00

Diagramação Echus 88.....60,00

Kalunga nº 262336- etiquetas.....63,78

Despesas Bancárias.....69,76

TOTAL SAÍDAS.....1.944,59

SALDO ATUAL 31.12.2006.....8.262,56

Tesoureiros: Carlos D.Cosso - Wilson Mosca - Gilberto Lucarts

RECORDANDO

NAZARETH DOS REIS 57/59(*)

Quanta saudade que sinto
Lá do meu velho rincão,
Dos bandos de andorinhas
Naquelas doces tardinhas
Do meu amado sertão.

E hoje ainda me lembro,
Saía pelos paus,
Corria pelas estradas
Fazendo minhas caçadas
De borboletas azuis.

Errando pelos quintais
Nos dias de chuvaradas,
Fazia cachoeirinhas
Em cascatas com pedrinhas
No leito das enxurradas.

Um suave e alegre riacho
Corria pela baixada;
E quantas vezes, descalço
Eu ia-lhe no encalço
Aos saltos em disparada!

Passava horas e horas
Brincando no areal,
Na sombra de um cajueiro
Que havia lá no terreiro
Bem próximo do quintal.

Quanta saudade que sinto
Daquelas manhãs queridas,
De um tempo que terminou,
E nunca mais retornou
Nas curvas da minha vida.

Que alegre infância, passei
No meu amado sertão!
E sinto-me entristecido
De nunca mais ter podido
Voltar no velho torrão!...

(*) NAZARETH DOS REIS (NAZARETH REGNUM, 69, é professor na Univ. Federal do Mato grosso do Sul(67) 9965.1184 nazarethreis@hotmail.com

CASO EDIFICANTE MÁQUINA

JOSE LUI - Caipira (49/56)*



No intuito de moralizar a humanidade, cientistas americanos testaram em Nova York uma máquina para apanhar ladrões. Com um sistema revolucionário, a invenção apanhou 1.500 ladrões em apenas 5 minutos.

Dado o excelente resultado, resolveram levar o aparelho e testá-lo na China. Resultado: em 3 minutos, apanhou 2.000 ladrões.

Para o próximo teste, escolheram a África do Sul, onde a máquina pegou 3.000 ladrões em apenas 2 minutos.

O último e derradeiro teste foi aqui no Brasil. Os cientistas desembarcaram em Brasília. Resultado: em apenas 1 minuto, roubaram-lhes a máquina.

(*) JOSÉ LUI, 70, filósofo, teólogo e pé-de-valsas, administra o Cemitério Gethsêmani-Anhangüera em S.Paulo-SP. Tel (11) 3284.3316 - roselui@picture.com.br

*Seja um colaborador do
Echus do Ibaté.*

*Envie-nos seus textos, suas poesias,
suas memórias, crônicas,
resenhas, trovas, perfis biográficos,
notícias, entrevistas, contos...
todos, claro, de sua autoria.*

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação bimestral dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Antônio Carlos Correa, Antônio Carlos Marques, Cláudio José Fondello, Eduardo Lima, Getulino do Espírito Santo Maciel, Joaquim Benedicto de Oliveira, José Lui, José Luiz Brant de Carvalho, José Paulo Gomes, José Wolf, Luiz Antônio Rosati, Nazareth dos Reis, Oliveira Leite Gonçalves, Oswaldo Buzzo e Rivadávia Betim.

Contribuições - O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio de duas contas bancárias: 1) **BRADESCO** - Ag. 95-7 (Nova Central) - c/c no. 226990-2 e 2) **BANCO DO BRASIL** - Ag. 3055-4 (Boulevard S. João) c/c 12.158-4. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Antônio Carlos Correa, Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi, José Justo da Silva, Antônio Simões e Márcio Pereira da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para *ECHUS DO IBATÉ*, Cx. Postal 71.509 - Cep 05020-970 - S.Paulo-SP (Obs. Se possível, enviar material de colaboração em disquete ou por e-mail, com textos em Word e fotos ou no original, que logo serão devolvidas pelo correio, ou digitalizadas no formato jpg).

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet: E-MAIL: echus@zipmail.com.br ou ibate@seminariodesaoroque.com

SITE: <http://www.seminariodesaoroque.com>

Tiragem: 1.000 exemplares

Diagramação: Marcelo Silva Calixto (11) 6162.3640

Impressão: Renangraf (11) 3932.8171 - São Paulo-SP



MENSAGENS RECEBIDAS



*Son tus cartas mi esperanza, mis temores y alegrías y aunque sean tonterías, escíbeme, escíbeme.
Tu silencio me acongoja, me preocupa y predispone, y aunque sea con borrones, escíbeme, escíbeme.
Me hacen más falta tus cartas, que la misma vida mía, lo mejor morir sería, si algún día me olvidaras.
Cuando llegan a mis manos, su lectura me conmueve, y aunque sean malas nuevas, escíbeme, escíbeme. (Guillermo Castillo)*

ALFREDO BARBIERI (49/53) - Taubaté-SP - Natal! Gaudeamus in Domino. Que a estrela do Natal, que se aproxima, ilumine a vida dos colegas ibateanos e suas famílias de paz e muito amor. Transeamus ad Bethlehem.

ERNESTO VELOSO DOS SANTOS (59) Cunha-SP - Obrigado pelo envio do *Echus*. Tem resgatado algumas memórias que estavam perdidas e tem dado a oportunidade de, reconhecendo alguns nomes, reconstruir uma parte quase esquecida de minha vida. E, como bom malandro, aproveito o ensejo para mandar uma mensagem de Natal para todos os ibateanos:

PRIMEIRA LIÇÃO DE AMAR: *As águas das mais forte torrentes - Não o podem destruir - Nem a mais alta montanha, soterrar - Preenche a imensidão do deserto - E a solidão do mar. - Será um louco - Quem o queira comprar, - Um néscio - Quem não o saiba partilhar. - Esconde-se. - E ao esconder-ser, se expõe, - Pois que transcende a si mesmo. - No entanto, - Cabe numa flor, - Num sorriso, - Num olhar. - Assim é o Amor. - Assim é o Amar.*

JULIÁN SANCHES HERMIDA. Pe - (Professor nos tempos finais do Seminário) Madri - Espanha - Queridos e recordados amigos ex-ibateanos: hoje também Jesus quer vir a cada um de nós e ao nosso mundo para torná-lo mais divino y menos guiado só pela ganância e ambições das pessoas. Que cada um de vocês, como pessoa e pelo seu trabalho, contribua a que isso possa ir tornando-se realidade entre aqueles com quem convive e trabalha, não apenas neste Natal, mas também em todos os dias do Ano Novo. Desde a Espanha, onde estarei até 2008, um grande abraço a todos. julianjusahe@yahoo.es

KENYS MAZIERO (65/66) Jaboatão dos Guararapes-PE - Caros amigos da *Turma do Ibaté*, quero comunicar que no último dia 06.12, foi realizada a festa de formatura do mais jovem advogado de Pernambuco, meu filho Kenys Bonatti Maziero, terminou seu curso com brilhantismo e considero essa informação importante tendo em vista que foi graças aos ensinamentos que recebi nos idos de Ibaté, contribuíram para minha formação que repassei aos meus filhos com muito orgulho. Forte abraço a todos, (81)-3469.8200 - 8784.5367 kenysmaziero@gmail.com

LUIZ HUMBERTO VERARDO (Ex-aluno dos Seminários de Campinas e Ipiranga) S.Paulo-SP - Agradeço a todos os amigos do Ibaté aos parabéns pelo meu *niver*. Especialmente ao Wilson Mosca, sempre atento à vida dos velhos amigos e parceiros de projeto de vida, que cada um realiza de alguma maneira até hoje. Aproveito para lembrar que nosso encontro no Seminário do Ipiranga foi muito interessante, porque conseguimos atender melhor a diversidade que somos hoje. Alguns têm expectativas mais amplas e outros algo mais intimista. Uns dão ênfase ao aspecto festivo, outros à celebração religiosa. Existem ainda os que preferem aproveitar a oportunidade para fazer encontro mais reflexivo. O importante é que o encontro do Ipiranga apontou esta riqueza. Vamos organizar o próximo! Abraços. luigiverardo@uol.com.br

REINALDO JOSÉ FLORES - Guarulhos-SP - Sou da turma de 71/72 e gostaria de saber se alguns dos amigos do seminário, dessa época, possuem fotos. Talvez fosse interessante que as pessoas que possuam fotos possam enviá-las, para vocês poderem colocá-las no site. Criaria-se dessa forma o "cantinho da lembrança". Fica aí minha sugestão e um abraço a todos amigos. rjoseflores@yahoo.com.br

RUPIARA DE OLIVEIRA GOMES (49/51) Brasília-DF - Caros Amigos Simões e Wilson, parabéns a essa magnífica equipe dedicada à elaboração e distribuição do noticiário *Echus do Ibaté* "Órgão Oficial e Informativo dos Ex-alunos do Seminário do Ibaté - S. Roque - SP". Brevemente me cadastrarei, como ex-aluno que sou do Seminarinho, para recompletamento da minha alegria ao recordar amigos tão marcantes como o são. Dentre eles, Joel Barbieri, Pedro Camilo, Mauro, Gutemberg, Júlio Piracaia, Geraldo Itapecirica, Fernando Dunga, Luiz e Rodolfo. Um forte abraço e meus sinceros agradecimentos pela atenção que nos proporcionam. **PS:** A partir deste mês enviarei minha contribuição para o *Echus*. Aguardem. rupiara@yahoo.com.br

WALDEMAR CALDIN (49/56) Águas de Lindóia-SP - Gostaria de informá-los que efetuei depósito para as despesas do *Echus do Ibaté*. Vamos em frente nesta empreitada de unir o pessoal que, um dia, esteve junto para cuidar de nossa formação humana e cristã em vista de uma vida digna, quer como sacerdotes ou bispos, quer como leigos atuantes na Igreja e no mundo. Um abraço e um santo Natal a todos. waldin@uol.com.br

ACONTECEU HÁ 45 ANOS

OSWALDO BUZZO - 1962 (*)

Estávamos no início de dezembro e o calor se revelava infernal. As notas já haviam sido divulgadas e, animados, contávamos nos dedos os dias que nos separavam das férias anuais.

Numa segunda-feira à tarde, o tempo estava particularmente abafado; a temperatura insuportável. Lá fora o sol crestava e as cigarras zuniam numa sinfonia ensurdecedora. Sonolento, eu devaneava sobre meu futuro no famoso “estudão” quando, inopinadamente, adentra a sala o saudoso **Padre Tarcísio**, intimando-me a acompanhá-lo, posto que, conforme adiantou, o Reitor urgia em falar-me.

Amedrontado e com o coração contrito, segui-o pelos compridos corredores que ladeavam o saudoso pátio de recreio até a sala do nosso “Poderoso Chefão”. Estatura avantajada, porte atlético, rosto avermelhado, em sua indefectível batina preta, Monsenhor Constantino aguardava-me sentado à mesa de trabalho.

A ratificar seu estilo rígido e autoritário, foi direto e contundente ao assunto. Em poucas palavras fez um arazoado de minha pífia passagem por aquele sodalício, afirmando que em sua opinião eu não detinha as qualidades necessárias para o sacerdócio.

- Você não está preparado para permanecer aqui. Existem outras maneiras de servir ao Senhor e você deve exercitar a vivência cristã em paróquia de sua cidade.

Pálido, cabeça baixa, vacilante, olhos fixos no chão, humildemente concordei com suas perorações. Na verdade, eu era apenas um guri arredo, introvertido e, particularmente, estava confuso quanto à minha verdadeira vocação.

Ato contínuo, ante meu silêncio e aquiescência, ele proferiu a sentença final, comunicando que após o recesso escolar eu não deveria mais retornar àquele imponente casarão eclesiástico.

Deixei a sala com o semblante transtornado, contudo, internamente rejubilava-me. Afinal, reconhecia, nunca me sentira à vontade naquele internato. Porquanto, criado em minha infância livre e solto, tal qual um “bicho-do-mato”, sentira-me infeliz naquele ambiente por ver tolhida minha liberdade. Ainda, face à tenra idade, era amiúde torturado por uma visceral saudade de minha casa, de meus pais e de meus outros seis irmãos.

Assim, quando adentrei a jardineira que me levaria à estação, São Roque era uma página virada em minha vida. Levava comigo a mesma “arca-mala” com que viajara em janeiro e, dentro dela, meus parcos pertences, acrescidos agora aos livros e cadernos.

Carregava, porém, em minha alma, imensa saudade dos colegas de futebol, das peças de teatro, dos memoráveis recreios, com toda aquela alegria e amizade, além das brincadeiras juvenis. E, conquanto alimentasse em meu coração alguma mágoa por conta da severidade dos mestres, não me esquecia dos valores e da disciplina com que fora doutrinado, fatores preponderantes na formação de meu caráter e personalidade.

Sentado no banco do trem ao lado de alguns conterrâneos ituanos, dentre eles, o **Vicente de Paulo Moraes**, remexia-me um tanto desconfortável, pois, o paletó azul que trajava, o mesmo com o qual aportara ao Ibaté, agora embaraçava meus movimentos, certa-

mente porque eu crescera. Ao tentar desabotoá-lo, visando a minorar o incômodo que sentia, pude perceber pequeno volume esmeradamente dobrado, esquecido num dos bolsos internos que, quando devassado, revelou-se, ironicamente, num texto mimeografado que recebêramos à nossa chegada, como forma de acolhida e exortação à vida monástica.

Pelo que pude “garimpar” tempos depois, tratava-se da reprodução de um trabalho apresentado no Grêmio Literário Pio XII, durante o ano de 1.961, por um de seus membros. Seu conteúdo transcrevo abaixo:



SAUDAÇÃO AOS NOVATOS

Um dia, lá no recanto talvez de seu lar ouviste ecoar tranqüila a voz de Jesus: "Filho, vem, segue-me!" Quem sabe não te preocupaste com o estranho apelo tornando-te surdo a Jesus.

Por outra tarde, tão poética como nas belas horas crepusculares de maio, tu, sozinho, de joelhos ante o tabernáculo, balbuciava, piedoso, preces por ti e pelos teus. Naquele momento silencioso quando tu envolvido numa atmosfera celeste inflamava-te num doce colóquio com o Divino sacramentado, soou-te aos ouvidos o suave convite do grande Prisioneiro do amor: Amigo, não te complaceras em tornar-se meu discípulo? Dize-me que sim, e Eu te encaminharei para o abrigo do seminário.

Tu, meu amigo, sentiste n'alma o germen do sacerdócio. Mas, violento temporal no árido deserto do mundo, obstou-lhe a germinação. Foi então que tua mãe, teu vigário ou quem sabe, religiosos dedicados limpavam os destroços causados pela tormenta e ainda encontraram rebentos de tua vocação sacerdotal. Caprichosamente, foste encaminhado para o santuário onde no primeiro encontro recebestes preciosos adubos e medicamentos para te enraizar e crescer.

Agora que já feliz no sacro refúgio do seminário em fileiras conosco e a caminho do ideal, esperamos de ti alegria, entusiasmo e... juventude!

O seminário é uma grande família onde os pais são os superiores amigos e atenciosos; os colegas, irmãos dedicados, prontos a te auxiliar.

Olha de contínuo para o alto. Não pára, que parar é retroceder.

Tu, novato, passarás na casa do Sagrado Coração de Maria os anos mais felizes de tua existência. Ao deixares o seminário de São Roque sentirás saudades e muitas saudades.

Exortamos-te a aproveitares diligentemente os floridos anos de sua juventude na aquisição gradativa da ciência e virtudes levíticas.

A ti, novato, nosso voto de pleno êxito.

Que o altar seja a tua meta! E tua única ventura, o dia do primeiro, do feliz, do magnífico "Intróito ao altare Dei!"

JOÃO BOSCO DA SILVA - VIIª Série

(*) OSWALDO BUZZO, 55, é economista e advogado. Atua como funcionário público federal (TRT-15ª.) em Campinas-SP (19) 3253.6764 oswaldocps@hotmail.com

ANO NOVO, VIDA NOVA

RIVADÁVIA BETIM 50/53 (*)

Estamos no ano novo e todos queremos iniciá-lo com as esperanças renovadas. É momento de alegria e confraternização. As rogativas em geral são para que se tenha muito dinheiro no bolso, saúde prá dar e vender... Mas será que, se tivermos tudo isso, estar á garantido um ano cheio de felicidades?

Se Deus nos dá a saúde, o que normalmente ocorre é que tratamos logo de acabar com ela em nome das próprias festas, com excessos na alimentação, bebidas alcoólicas, tabacos ou outras drogas não menos prejudiciais. Não nos damos conta de que a nossa saúde depende de nós. Se quisermos um bom ano, teremos que fazer nossa parte.

Ao analisarmos o significado da passagem do ano, percebemos que nada se modifica externamente e que tudo continua como na véspera: os doentes prosseguem doentes; os encarcerados permanecem encarcerados; os infelizes continuam os mesmos; os criminosos seguem arquitetando seus crimes e assim por diante. Nós e somente nós é que podemos construir um ano melhor, já que um feliz ano novo não apenas se deseja, se constrói!

Podemos almejar um ano bom se desde já iniciarmos um investimento sólido, já que, no ano que se encerra, auferimos os resultados dos investimentos do ano imediatamente anterior. E assim sucessivamente.

Podemos também construir um ano bom a partir da nossa reforma moral, repensando nossos valores, corrigindo nossos passos, propiciando uma nova direção a nossa estrada particular. Se começarmos por modificar nossos comportamentos equivocados, certamente teremos um ano mais feliz. Se pensarmos um pouco mais nas pessoas que convivem conosco; se abriremos os olhos para ver a dor que nos rodeia; se colocarmos nossas mãos no trabalho de construção de um mundo melhor, certamente conquistaremos a tão almejada felicidade.

Só há um caminho para se chegar à felicidade. Ele foi demonstrado por quem realmente tem autoridade, por já tê-lo trilhado. Esse alguém, nós o conhecemos como Jesus de Nazaré, o Cristo. No ensinamento "*amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*" está a chave da verdadeira felicidade. Jesus nos coloca como ponto de referência. Por isso recomenda que amemos o próximo como a nós mesmos nos amamos. Quem se ama preserva a saúde. Quem se ama não

bombardeia seu corpo com alimentos nocivos, nem o espírito com a ira, a inveja, o ciúme, etc. Quem ama a Deus acima de todas as coisas respeita sua criação e suas leis e respeita seus semelhantes, pois sabe que todos fomos criados por Ele e que Ele a todos nos ama. Enfim, quem quer um ano novo repleto de felicidades não tem outra saída senão construí-lo.

Importa que saibamos que o período de tempo que se inicia, como tantos outros que já passaram, será repleto de oportunidades. Aproveitá-las, bem ou mal, depende exclusivamente de cada um de nós. O rio das oportunidades passa com suas águas sem que retornem nas mesmas circunstâncias ou situações. Assim, o dia de hoje logo passará e o chamaremos ontem, como o amanhã será um breve hoje. E, sem que nos demos conta, logo estaremos chamando este ano que se inicia de ano passado, e assim sucessivamente.

Que todos possamos aproveitar muito bem o tesouro dos minutos na construção do amanhã feliz que desejamos, pois a eternidade é feita de segundos. Feliz ano novo, com paz, ventura e sabedoria. Grande abraço a todos os amigos.

(*) RIVADÁVIA BETIM, 70, é metalúrgico aposentado. Mora em Bauru-SP (14) 3203.057 betimrep@terra.com.br



JOSÉ WOLF (50/58)

CROMO BRANCO

**Festivo o sino canta,
canta a doce harmonia
da Primeira Comunhão.**

**Passam em mil revoadas
os anjos do azul do céu
dentro de teu coração.**

**Entre o dourado sacrário
e a alma aberta em flor,
há um curto caminho:
o amor!**

NA CASA DO PAI

Informamos com pesar os falecimentos de:

- **ALPHEU LUIZ MARTINS AZAMBUJA SOUZA, MONS.** - Colega de 1954. Morava em Lapa-PR. Em 13.01.2007 aos 74 anos.
- **GUIDO CHAGAS** - Colega pioneiro do Ibaté, de 1949 a 1953. Solteiro e sem filhos, faleceu em 2004, aos 69 anos de idade, em Espírito Santo do Pinhal-SP, onde residia. Comunicou-nos o seu primo, Daniel Chagas (49/53), (11) 4013.3403, que mora em Itu-SP e está muito bem de saúde, graças a Deus.
- **MARIA DE LOURDES CRUZ GREGÓRIO**, em 14.01.2007, aos 70 anos de idade, deixando três filhas. Era a única irmã de nosso irmão ibateano WILSON CÂNDIDO CRUZ (59/64) 11-6216.9517.

Aos familiares, as condolências e as orações de todos os amigos e ex-alunos do antigo Seminário Menor de São Roque.

PHOTANTIQUAE

(ACERVO WILSON CRUZ)



SEBASTIÃO DESTÉFANI REGHIN

(1954/58),

um dos grandes, quiçá o maior representante do vôlei que o Ibaté já teve.

Já naquela época, ele exercia fascínio e verdadeiramente hipnotizava as platéias com suas performances magistrais.

29.11.1963 - TURMINHA DO COLEGIAL EM VISITA AO SEMINÁRIO DE PIRAPORA
01. Vanderley Cozzo - 02 Valdevino Soares de Oliveira - 03. Antônio Martini - 04. José de Oliveira Batista - 05. Cláudio José Fondello (acima) - 06. Felipe Campione - 07. Luiz Carlos Sabino - 08. José Antônio Neto - 09. Antônio Pinto Ramalho Jr. (acima) - 10. Wilson Cândido Cruz - 11. Luiz Ademário Gouveia - 12. Claudino Leonardo Pires - 13. Antônio Aparecido Pereira.

AGRADECIMENTOS

A *Turma do Ibaté* agradece as contribuições recebidas, no período de 07.11 a 31.12.2006 dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Antonio Carlos de Freitas, Antonio Simões Cuccio, Antonio Vassallo, Araldo José Razera Papa, Aristides Perillo Banzato Jr., Aurélio Vieira de Moraes, Pe., Carlos da Rosa Filho, Daniel Chagas, Joaquim Barbosa de Oliveira, José Écio Pereira da Costa Jr., José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, Luiz João Corrar, Nadir Fermino, Paulo Rabelo Corrêa, Pedro Steck, Roberto Delgado de Carvalho, Roberto Pauletti, Sebastião Destéfani Reghin, Severino Ramos de Santana, Vicente de Paulo Moraes, Vilson Fabris e Waldemar Caldin.

Acusamos também o recebimento de inúmeras mensagens natalinas com votos de Boas Festas desejados à equipe do *Echus* e toda *Turma do Ibaté* dos seguintes colegas, aos quais muito agradecemos e retribuímos: **Aírton Oreste Gobbi** (airgobbi@terra.com.br) - **Alfredo Barbieri** (alfredo_barbieri@hotmail.com) - **Antônio Expedito Marcondes** (emarcond@tiscali.it) - **Antônio Jurandy Amadi** - **Antônio Sérgio Pavão** (pavao@uol.com.br) - **Cândido da Costa** (candido.da@telefonica.com.br) - **Carlos Ferraz Alcântara** (cfalcan@hotmail.com) - **Celso Pinto Silva** (cpsil@uol.com.br) - **Cláudio Giordano** (claudioliber@yahoo.com.br) - **Daniel Chagas** - **Darcy Jacob Cargnelutti** (darcijc@uol.com.br) - **Dionísio Leite da Costa** (dionisio.lc@uol.com.br) - **Ernesto Veloso dos Santos** - **Francisco de Assis Siqueira Camargo** (fcamargo@buetree.com.br) - **Heleno Célio Soares** (alexandre_soares@kryptonnet.com.br) - **Jadilney Pinto de Figueiredo** (jadilney@senado.gov.br) - **João Francisco de Brito Ramalho** (jacobilho@bol.com.br) - **Joaquim Benedicto de Oliveira** - (joka.oliveira@uol.com.br) - **José Anchieta Alves da Costa** (anchietacosta@telefonica.com.br) - **José Antônio Neto** (jneto50@hotmail.com) - **José Geraldo Licheri** (moreiralicheri@uol.com.br) - **José Gonçalves da Rocha Sobrinho** (jgdrs@uol.com.br) - **José Luiz Brant de Carvalho** (jlcarvalho@saude.sp.gov.br) - **José Maria Pinheiro** (d.jmp@hotmail.com) - **José Wolf** (josewolf@ig.com.br) - **Julian Sanchez Hermida** (julianjusahe@yahoo.es) - **Luiz Aurélio Ribeiro** (laurelioribeiro@uol.com.br) - **Luiz Carlos Peres** (pirapora@iron.com.br) - **Luiz Carlos Sabino** (quimicosabino@hotmail.com) - **Luiz de Gonzaga Giannini** (luizgiannini@ig.com.br) - **Norberto Antônio Folkas** (norfolkas@uol.com.br) - **Oswaldir Lanzoni La Falce** (oswaldir@scamilu.edu.br) - **Oswaldo Buzzo** (oswaldocps@hotmail.com) - **Pasquale Gerardo** (pgerardo@uol.com.br) - **Paulo Correia Rosa** (rosagraf@terra.com.br) - **Sérgio José Schirato** (sjschirato@uol.com.br) - **Sigmar Malvezzi** (smalvezzi@fgvsp.br) - **Silvino de Miranda Melo Neto** (silvinomelo@uol.com.br) - **Urla Abraão Daher** (Maria Daher: mm.daher@hotmail.com) - **Valdevino Soares de Oliveira** (solvaldevino@terra.com.br) - **Victor Cruz** (vi.cruz@terra.com.br) - **Viriato Antão G. Trancoso** (viriatotrancoso@ig.com.br) - **Waldemar Caldin** (wcaldin@uol.com.br)